

A importância do enfermeiro na abordagem de práticas de autocuidado de complicações que interferem no aleitamento materno

The importance of nurses in addressing self-care practices of complications that interfere with breastfeeding

La importancia de las enfermeras a la hora de abordar las prácticas de autocuidado de las complicaciones que interfieren con la lactancia materna

Recebido: 07/06/2022 | Revisado: 16/06/2022 | Aceito: 18/06/2022 | Publicado: 01/07/2022

Maria Paula Caliarí Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0681-5676>

Universidade José do Rosário Vellano, Brasil

E-mail: mariapaulacaliari@gmail.com

Andreia Majella da Silva Duarte Esteves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7343-6188>

Universidade José do Rosário Vellano, Brasil

E-mail: andreia.esteves@unifenas.br

Resumo

Estudo retrospectivo, descritivo observacional, transversal com abordagem quantitativa que objetivou analisar a importância do enfermeiro na abordagem de práticas de autocuidado em âmbito domiciliar e enfrentamento de complicações que interferem no aleitamento materno e que provocam o desmame precoce. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFENAS sob nº 4.481.307. Participaram da pesquisa 100 mulheres, que amamentaram ou estão amamentando e que foram entrevistadas através de um questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas que abordaram: aleitamento materno, práticas da amamentação, orientações recebidas sobre a prevenção e tratamento de complicações como, ingurgitamento e fissura mamilar. Os resultados mostraram que 60% das mulheres não receberam orientação de como lidar com situações que desfavorecem a amamentação, em âmbito domiciliar. Contudo, 100% reconhecem a importância do enfermeiro no ensino nos cuidados que devem ser realizados na prevenção e no tratamento das complicações, demonstrado através de relatos das voluntárias. Portanto, conclui-se que as intervenções pela equipe de enfermagem têm o potencial de prestar benefícios para a mulher em obter práticas ideais de autocuidado preventivos e de tratamento de complicações na amamentação, e que contribuirão para a manutenção do aleitamento por mais tempo.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Autocuidado; Enfermagem; Saúde da mulher.

Abstract

The retrospective descriptive and observational study transverse with quantitative approach aimed to analyse how important the nurse is in self care practises in home environment and facing complications which interfere in the breastfeeding in this way can cause early weaning. The study was approved by Ethic Committee in research from UNIFENAS under nº 4.481.307. Participate one hundred women who breastfed or they are breastfeeding. They were interviewed through a questionnaire with structured questions about: Breastfeeding, Breastfeeding practises, Orientation about the treatment of complications like: engorgement or nipple fissure. The results show us that sixty percent (60%) of the women did not receive orientations in how to deal with difficult situations in the breast-feeding. However a hundred percent (100%) know the importance of the nurse to help the women with preventions of these problems. So, concludes that the nursing team's interventions bring benefits to the women in: Ideal self care practises; Preventive self cares in breastfeeding complications. These steps are going to contribute the maintenance of breastfeeding longer.

Keywords: Breastfeeding; Self care; Nursing; Woman's health.

Resumen

Estudio retrospectivo, descriptivo, observacional, transversal con enfoque cuantitativo que tuvo como objetivo analizar la importancia de los enfermeros en el abordaje de las prácticas de autocuidado en el hogar y el enfrentamiento de las complicaciones que interfieren con la lactancia materna y que provocan el destete precoz. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de UNIFENAS con el número 4.481.307. Participaron de la investigación 100 mujeres que amamantaban o están amamentando y que fueron entrevistadas a través de un cuestionario con preguntas estructuradas y semiestructuradas que abordaban: lactancia materna, prácticas de lactancia

materna, orientaciones recibidas sobre la prevención y tratamiento de complicaciones como congestión y fisura del pezón. Los resultados mostraron que el 60% de las mujeres no recibieron orientación sobre cómo enfrentar situaciones que desfavorecen la lactancia materna en el hogar. Sin embargo, el 100% reconoce la importancia de los enfermeros en la enseñanza de los cuidados que deben realizar en la prevención y tratamiento de las complicaciones, demostrado a través de los relatos de los voluntarios. Por lo tanto, se concluye que las intervenciones del equipo de enfermería tienen el potencial de brindar beneficios para que las mujeres obtengan prácticas óptimas de autocuidado preventivo y tratamiento de las complicaciones en la lactancia materna, lo que contribuirá para el mantenimiento de la lactancia materna por más tiempo.

Palabras clave: Lactancia materna; autocuidado; Enfermería; La salud de la mujer.

1. Introdução

Amplamente divulgado, o processo do aleitamento materno tem sido aclamado pelas suas vantagens no desenvolvimento do bebê, pois garante imunidade, proteção à sua saúde, supre necessidades corporais e contribui para o vínculo afetivo mãe-filho, entretanto algumas situações podem levar a desistência à amamentação (Rocci & Fernandes, 2014).

No Cenário atual do país, a passagem de conhecimentos sobre o aleitamento materno exclusivo (AME), é de responsabilidade dos profissionais da área da saúde, principalmente a classe da enfermagem, que visa a promoção e prevenção da saúde.

Porém, ainda existem falhas no ensino a cliente sobre o tema específico de autocuidado (prevenção e tratamento) e enfrentamento de complicações na amamentação, que ocorrem com grande prevalência na sociedade (Filho, et al., 2011).

Com isso, a realização do presente estudo justifica-se pela notoriedade de demonstrar o quão importante é a abordagem às gestantes, não só de questões comuns no aleitamento, mas de problemas pertinentes, como o ingurgitamento mamário, fissuras mamilares e os cuidados, que podem ser executados em casa pelas próprias puérperas.

Baseado neste contexto objetivou-se, portanto, analisar a importância do enfermeiro na abordagem de práticas de autocuidado em âmbito domiciliar e enfrentamento de complicações que interferem no aleitamento materno e que provocam o desmame precoce, com base nos dados de experiências das mulheres que já passaram ou estão vivenciando esse processo de amamentação.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, observacional, retrospectivo, de corte transversal. Segundo Fontelles (2009), o estudo quantitativo é aquele que trabalha com variáveis sob a forma de dados numéricos e emprega recursos e técnicas estatísticas para classificá-los e analisá-los, sendo está dividida em duas subclasses, onde o presente artigo desenvolveu-se para o estudo descritivo com fundamento em apresentar as características, com enfoque na observação, registrando e descrevendo a temática para que esta tenha maior relevância na sociedade.

Como meio de ampliar, o estudo observacional, traz consigo os pesquisadores como expectadores dos fatos estudados, reconhecendo possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe. (Marconi & Lakatos, 2005). Por conseguinte, Hochman et al., (2005), afirma que o método retrospectivo é um estudo que se realiza a partir do passado e é seguido adiante a partir daquele momento até o presente, onde pode ser evidenciado na pesquisa os dados retrospectivos em relatos das mulheres que compartilharam suas experiências para aquelas que estão vivenciando ou irão passar pelo processo da amamentação.

Em relação ao corte transversal, o estudo empregado significou em um momento definido pelos pesquisadores, referente ao período de coleta dos dados, onde o método visa identificar as frequências do evento e os grupos na população, que estão mais ou menos afetados no estudo (Barbosa, 2014).

O estudo foi desenvolvido em uma unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF) de uma cidade do sul de Minas Gerais, onde foi pesquisado a microárea 4, que se engloba no ESF.

A escolha deste local se deu devido se tratar de uma microárea do ESF, que oferece uma amostra da população geral, conseqüentemente com escolaridade e condições sociais diferentes. A população do estudo foi composta por todas as mulheres da microárea 4 do ESF, onde se encaixaram aos critérios de inclusão da pesquisa: mulheres com faixa etária de 18 a 60 anos, mães e que já passaram ou estão passando pelo processo de amamentação, cadastradas na microárea 4 do ESF e que concordaram em participar do estudo, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE. Optou-se realizar a pesquisa em mulheres com faixa etária de 18 a 60 anos por questões éticas e de documentação para menores de 18 anos e por ser tratar de um recordatório de amamentação, acredita-se que até 60 anos, idade adulta, a voluntária lembre-se do acontecimento de forma satisfatória. Foram excluídas mulheres não cadastradas na microárea pesquisada e no ESF, não mães, que não amamentaram que estavam ausentes no momento da coleta, ou se recusaram a participar da pesquisa.

A amostra foi composta por mulheres do ESF, da microárea 4, onde foi utilizado o sistema de informação VIVER para verificação da quantidade de mulheres cadastradas. As voluntárias consideradas ao estudo foram as que entram nos critérios de inclusão da pesquisa, citados acima.

Com a utilização de um software de computador chamado VIVER foi verificado que no total estavam cadastradas cerca de 1682 mulheres de todas as faixas etárias no ESF pesquisado, e dentre elas, 1018 mulheres são de faixa etária de 18 a 60 anos. A área adstrita da ESF está dividida em x microáreas, onde a microárea 4 foi o cenário da pesquisa. Com isso, averiguou-se que na microárea 4, ao todo, estavam cadastradas cerca de 881 mulheres e dentre elas, 275 mulheres inclusas na faixa etária de 18 a 60 anos.

Contudo, com a utilização do software e com análise dos prontuários e documentos da unidade, foi possível verificar que cerca de 125 mulheres entre 18 a 60 anos da microárea 4, são mães.

Com isso, foram entregues 125 questionários, onde 100 questionários foram respondidos e devolvidos a pesquisadora para análise, e os outros 25 foram descartados pelos fatores de recusa de participação voluntária à pesquisa ou por não terem amamentado, ou a não devolução do material de estudo.

A coleta de dados desenvolveu-se durante três meses (março, abril, maio) onde foi aplicado um questionário, para investigar a prevalência do problema nessa unidade de saúde, em uma cidade do sul de Minas Gerais.

Para coleta de dados foi elaborado, pela pesquisadora, um questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas. Este foi aplicado às mulheres (mães que já passaram pelo aleitamento materno) que concordaram em participar do estudo.

As mulheres foram questionadas sobre a ocorrência de complicações que interferiram no aleitamento materno, com a finalidade de analisar a atuação e importância da enfermagem na educação sobre o autocuidado (prevenção e tratamento das interferências) e enfrentamento desses problemas, ou seja, a pesquisa se baseou em fatos retrospectivos, uma vez que contou com o relato das experiências dessas mães com o aleitamento, objetivando identificar lacunas que possam gerar ações de apoio e incentivo à amamentação para as futuras mães.

Depois de avaliados, os dados foram dispostos em tabelas e gráficos com valores absolutos e percentuais, utilizando-se a ferramenta Excel 2016.

3. Resultados e Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar a importância do enfermeiro na abordagem de práticas de autocuidado em âmbito domiciliar e o enfrentamento de complicações que interferem no aleitamento materno, conseqüentemente levando a um desmame precoce o que irá prejudicar o desenvolvimento sadio e correto do bebê.

O levantamento de dados foi realizado em uma cidade do Sul de Minas Gerais em um PSF, delimitando-se o local pesquisado em uma microárea. A análise foi composta por 100 mulheres participantes com faixa etária entre 18 e 60 anos.

Na tabela 1, observa-se que a idade de 34 a 49 anos (47%) tem maior predomínio. O nível de escolaridade das

pesquisadas com maiores índices varia entre o ensino fundamental incompleto (22%), ensino médio completo (30%) e ensino superior (26%).

Quanto ao estado civil é evidente a predominância de voluntárias casadas (70%) e quanto ao número de filhos é observado uma variação da prevalência de 1 filho por voluntária com 39% e 2 filhos por voluntária com 43% do número total.

Tabela 1 - Caracterização da amostra. MG, 2021.

Variáveis	N	%
Faixa etária		
18 – 33	17	17,0
34 – 49	47	47,0
50 – 60	36	36,0
Escolaridade		
Analfabeta	2	2,0
Ensino fundamental incompleto	22	22,0
Ensino fundamental completo	9	9,0
Ensino médio incompleto	11	11,0
Ensino médio completo	30	30,0
Ensino Superior	26	26,00
Estado civil		
Solteira	14	14,0
Casada	70	70,0
Divorciada	16	16,0
Viúva	0	0,00
Número de filhos		
1	39	39,0
2	43	43,0
3	15	15,0
4	3	3,0

Fonte: Autores (2022).

De acordo com Garcia et al., (2009) as mulheres que não foram contempladas com informações primordiais sobre aleitamento na gestação serão desfavorecidas em relação as que receberam tais orientações, pois o nível de conhecimento e conscientização sobre a prevenção e enfrentamento dos problemas será maior nas mães que foram instruídas e elas saberão lidar com cada situação, contribuindo para o bem-estar da mãe e do bebê, tornando a amamentação uma experiência agradável.

Averigua-se no estudo que 85% das pesquisadas foram informadas sobre o aleitamento materno na gravidez, tiveram ajuda na primeira mamada e souberam identificar os sinais de pega correta do bebê na mama, entretanto 15% não obtiveram tal orientação, conhecimento e auxílio, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2 - Variáveis das informações recebidas pela equipe de enfermagem e as práticas utilizadas pelas pesquisadas sobre o aleitamento materno. MG, 2021.

Variáveis	Sim	não	total
Você foi informada sobre o aleitamento materno na gravidez?	85%	15%	%=100
Teve ajuda na primeira mamada?	85%	15%	%=100
Quando o bebê está mamando, você sabe identificar os sinais de pega correta dele?	85%	15%	%=100
Algum profissional de enfermagem, orientou você sobre a técnica correta de amamentação, a sua posição e da criança na hora da amamentação e a pega correta do bebê na mama?	66%	34%	%=100
Você foi orientada em como lidar em casa, em cada situação das complicações mamárias (rachadura, empedramento, mastite, abscesso) pela equipe de enfermagem?	40%	60%	%=100
Recebeu auxílio e ajuda quando teve problemas com a amamentação? <i>18% não tiveram problemas na amamentação</i>	47%	35%	%=100
Você foi orientada pela equipe de enfermagem em como prevenir as possíveis complicações durante o aleitamento?	44%	56%	%=100
Passaram a você, orientações para o tratamento de empedramento, rachadura?	66%	34%	%=100
Você acha que a abordagem (o ensino) do enfermeiro para você realizar o autocuidado das mamas em casa, na prevenção e tratamento de complicações do aleitamento, é importante e lhe ajudaria?	100%	0%	%=100

Fonte: Autores (2022).

De acordo com a Tabela 2, a orientação da técnica correta de amamentação, a posição da mãe e da criança na hora da amamentação e a pega correta do bebê na mama, ensinadas pelo profissional de enfermagem, foi evidenciada em 66 mulheres (66%) e 34% não receberam essas informações, o que demonstra que essa orientação deve ser realizada com mais frequência, pois a pega correta é de suma importância para prevenção de possíveis complicações, assim como é confirmado nas falas de algumas pesquisadas, dentre elas:

F.P.O.A (47 anos): “A abordagem do enfermeiro, é de suma importância, não só com os autocuidados como também na orientação da "pegada certa" pois se a "pegada" for realizada corretamente, muitos problemas serão evitados. Acredito que o papel do enfermeiro é decisivo para o sucesso da amamentação, cabe ao profissional, começar a "marcar" seu território, se capacitando e se tornando mais valorizado! Todo meu apoio aos enfermeiros!”

D.N.L.P (59 anos): “O papel do enfermeiro na promoção do aleitamento é extremamente importante. O enfermeiro tem a possibilidade de abordar a gestante e a família prestando orientações e apoio, desmitificando mitos que muitas vezes os familiares mais velhos têm e que colocam a gestante em situação dividida e receio. O enfermeiro com seu conhecimento técnico-científico presta assistência de qualidade auxiliando a mãe a vencer as dificuldades do aleitamento”.

A falta desses conhecimentos sobre o aleitamento materno por parte das mães contribui para o desmame precoce. Essa falha da passagem de orientações da técnica correta, posição e pega correta do bebê fazem com que problemas recorrentes se instalem e dificultem ainda mais esse processo, fazendo com que o índice de desistência aumente (Filho, et al., 2011).

É possível observar também com a tabela 2, que mais da metade, 60% das mulheres não foram orientadas sobre como lidar com cada situação desfavorável à amamentação (fissura, ingurgitamento, mastite e abscesso) em âmbito domiciliar pela equipe de enfermagem.

Segundo Zorzi e Bonilha (2006), é fundamental o comprometimento e entendimento dos profissionais para os cuidados realizados em casa pelas puérperas, pois eles detêm de pouco conhecimento nas práticas utilizadas em ambiente domiciliar por elas e com a abordagem, incentivo e ensino correto feito por esses profissionais irá possibilitar uma intervenção satisfatória e novas alternativas as mulheres, ajudando-as assim a resolver os problemas enfrentados na amamentação.

Também foi possível verificar através da tabela 2 que 47% das mulheres receberam auxílio e/ou ajuda ao ter problemas ao amamentar, 35% não foram ajudadas e 18% não tiveram problemas na amamentação.

Além disso, foi possível analisar por quem as mulheres tiveram auxílio nos problemas da amamentação, sendo 48,48% ajudadas por familiares/amigos, 19,70% por enfermeiros, 12,12% por obstetras, 12,12% por médicos clínicos gerais e 7,58% por pediatras.

Ou seja, esses dados nos confirmam a hipótese inicial do trabalho, que os profissionais da área da enfermagem juntamente com a família devem ensinar e auxiliar a mulher nesse período de amamentação, para que esse momento tão importante na vida de uma mãe e uma família seja feita de forma satisfatória, que é demonstrado através do relato da voluntária que diz: R.M.C (51 anos): “Quando amamentei há alguns anos atrás, não tinha orientação da enfermagem, fui ajudada apenas por minha família. Seria muito importante esse ensino e orientação, pois as rachaduras e empedramento das mamas eram e são até hoje as queixas mais frequentes das mães, motivo pelo qual muitas vezes desistem de amamentar.”

Por conseguinte, é visto também que, 56% do total de pesquisadas não foram orientadas das formas de prevenção para que não ocorressem os possíveis problemas no aleitamento.

Isso também pode ser evidenciado através dos gráficos 1 e 2, que demonstram a porcentagem das orientações de prevenção oferecidas pelos profissionais de enfermagem, especificamente nos problemas de fissura mamilar e ingurgitamento.

Souza et al., (2009) afirmam que as mulheres devem ser informadas e ajudadas no aleitamento materno para que ocorra sem intercorrências e com sucesso, pois o baixo nível de conhecimento traz incertezas e inseguranças na mulher, gerando problemas mamários dolorosos que dificultam ainda mais esse processo, influenciando diretamente no tempo da amamentação, não sendo realizada conforme recomendado pela OMS, ou levando ao desmame.

A Tabela 2 nos mostra também que 34% das mulheres não receberam orientações de tratamento de fissura mamilar e ingurgitamento mamário e 66% delas foram orientadas, onde foi possível verificar através da questão: “Se sim quem te orientou sobre empedramento e rachadura?” que 36,36% das pesquisadas foram instruídas por enfermeiros, 29,09% pelos familiares/amigos, 16,36% por médicos gerais, 9,09% por pediatras, 8,18% por obstetras, 0,91% por farmacêuticos.

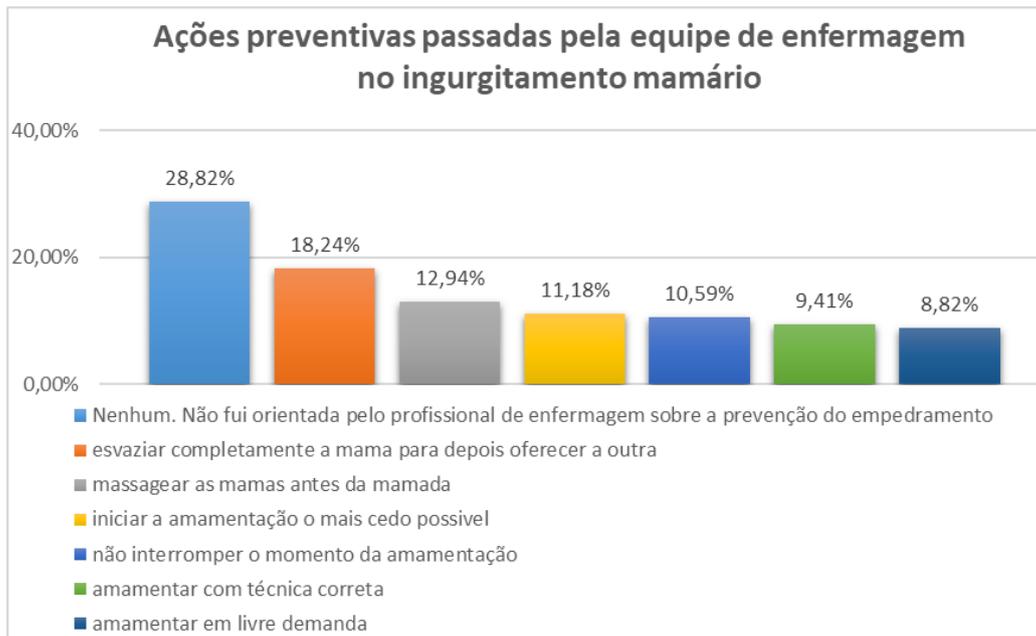
A partir desses dados, foram enfatizadas essas informações nos gráficos 3 e 4, mostrando especificamente a porcentagem de cada orientação obtida pelas mulheres pela equipe de enfermagem, que pôde ser demonstrado também através dos relatos das voluntárias:

M.F.F (55 anos): “O enfermeiro possui uma linguagem mais próxima com a mulher, mais vínculo do que o médico. Possui ainda um maior interesse e mais preocupação com a saúde do bebê e da mãe. Possui linguagem mais acessível e proporciona a mãe mais liberdade nos questionamentos e esclarecimentos das dúvidas.”

L.A.P (44 anos): “Acho extremamente importante o ensino da enfermagem, principalmente quando é o primeiro filho, muitas vezes a orientação vem somente dos enfermeiros, portanto se eles não ampararem nessas questões ficamos perdidas.”

Através do Gráfico 1 pode-se constatar que 28,82% das mulheres pesquisadas não foram orientadas pelo profissional de enfermagem sobre a prevenção do ingurgitamento mamário, enquanto 71,18% receberam orientações sobre algumas formas de evitar essa complicação, subdividindo-se conforme mostra o gráfico.

Gráfico 1 - Porcentagem das ações preventivas passadas pela equipe de enfermagem no ingurgitamento mamário.



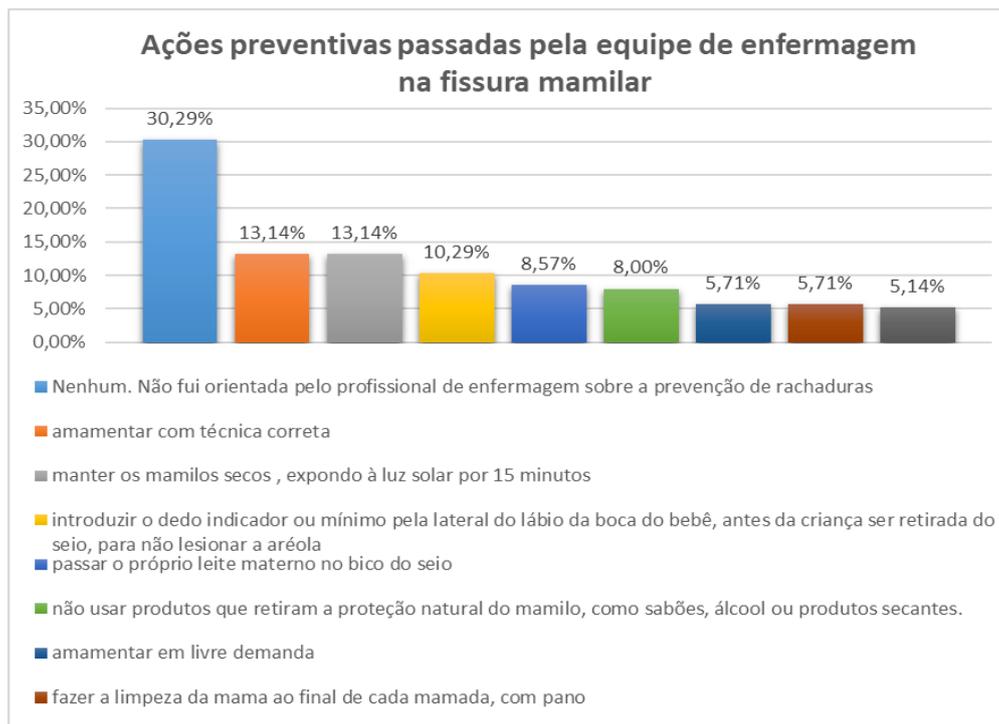
Fonte: Autores (2022).

O suporte inadequado diante das complicações, a inexperiência, e o desconhecimento materno geram a interrupção precoce da amamentação. Harron, et al., (2013) afirmam que a falta de conhecimento e confiança são as principais razões entre as mães para que a duração do aleitamento materno seja inferior ao que é ideal segundo as diretrizes da OMS.

É visível que a orientação sobre a prevenção do ingurgitamento é necessária, pois essa complicação dificulta a amamentação, tanto para a criança na pega correta da mama, quanto para a mãe pelo fator desse problema ser doloroso, como podemos evidenciar através do relato da voluntária O.I.F (47 anos): “Acho de muita importância a abordagem do enfermeiro, na prevenção das complicações para mães de primeira gestação que assim como eu não sabia. A orientação faz muita diferença, fui mãe há 27 anos atrás e não tive a sorte de ter essas orientações, se soubesse tinha sofrido menos, porque tive muitas complicações (fissura, empedramento, mastite, abscesso mamário), que foram muito dolorosos para mim, tanto na dor, quanto de não poder amamentar meus filhos, e o auxílio do enfermeiro teria me ajudado.”

Já no Gráfico 2, é visto que 30,29% das mulheres pesquisadas não foram orientadas pelo profissional de enfermagem sobre a prevenção da fissura mamilar e 69,70% foram ensinadas sobre algumas formas de prevenção para evitar esse problema.

Gráfico 2 - Porcentagem das ações preventivas passadas pela equipe de enfermagem na fissura mamilar.



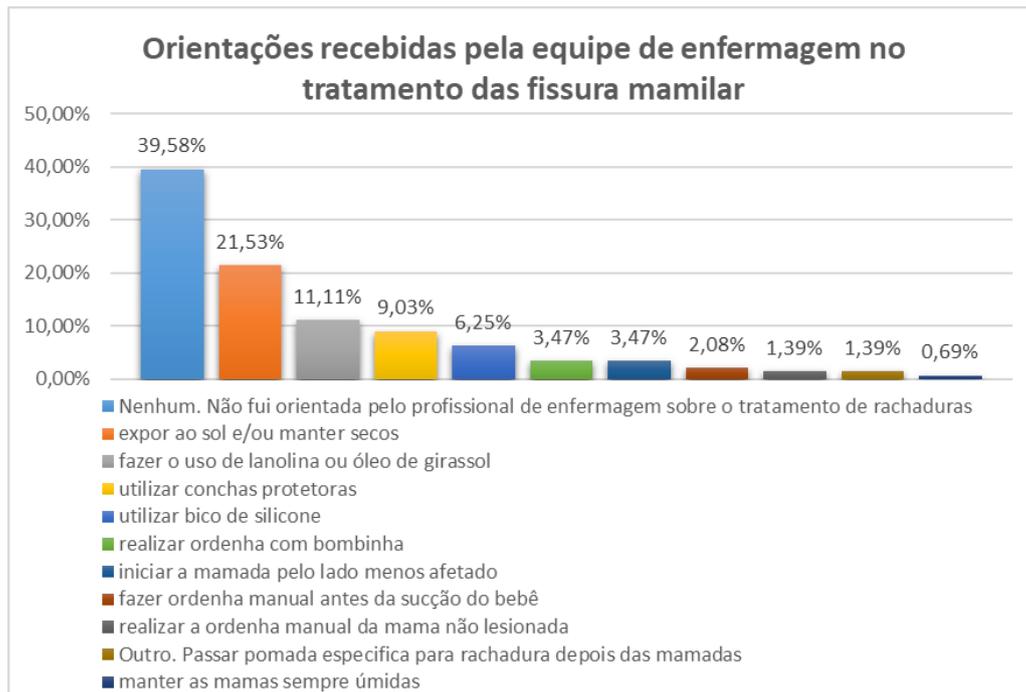
Fonte: Autores (2022).

É indispensável que seja criada juntamente com o enfermeiro e a participação da família, a autoconfiança da mulher na aprendizagem de habilidades técnicas do aleitamento e preparação das mamas, em âmbito domiciliar, onde agilizará e facilitará o cotidiano em que ela vive (Barbieri, et al., 2015).

A equipe de enfermagem deve ter a capacitação correta e orientar de forma eficiente as mulheres para evitar essa e outras complicações do aleitamento, que fazem com que o desmame precoce aconteça, assim como pode ser observado através do relato da voluntária G.O.S (57 anos): “É muito importante sim. Antigamente não tive ajuda e fez muita falta. A amamentação com a ajuda de um profissional seria mais fácil, ainda mais que tive depressão pós-parto, empedramento e rachadura. Com orientações, teria me ajudado, pois foi muito doloroso não poder amamentar, além dos problemas serem desconfortáveis. Talvez se fosse como hoje, eu tinha amamentado mais meus filhos”, que demonstra que a prevenção, avaliação constante e auxílio da enfermagem devem estar presentes no cotidiano da mulher para uma melhor qualidade de vida.

No Gráfico 3 pode-se observar que 39,58% das mulheres pesquisadas não foram orientadas pelo profissional de enfermagem sobre o tratamento da fissura mamilar e 60,41% foram orientadas sobre algumas formas de tratamento para o problema.

Gráfico 3 - Porcentagem das orientações recebidas pela equipe de enfermagem no tratamento da fissura mamilar.



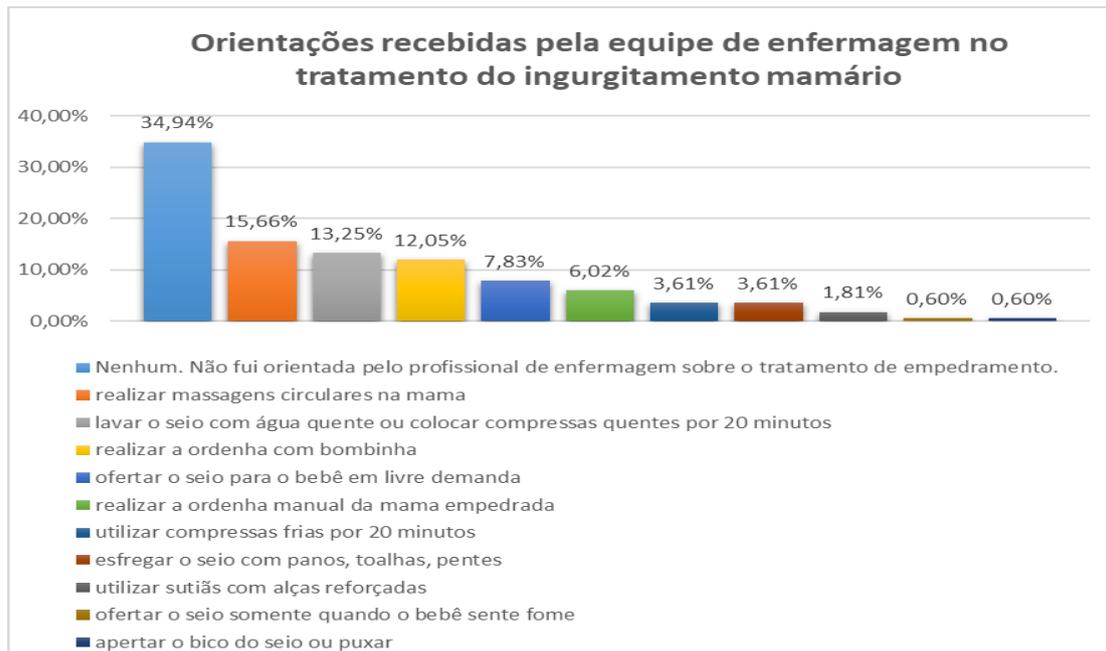
Fonte: Autores (2022).

Harron, et al., (2013) afirmam que estratégias para aumentar a educação, incluem apoio para mãe ou auxílio de profissionais por meio de visitas domiciliares, buscando a interação do autocuidado da mãe com o seu próprio corpo.

Esse autocuidado irá facilitar o cotidiano da mulher, fazendo com que as complicações já instaladas sejam tratadas de maneira adequada e eficiente, não as prejudicando para a continuidade da amamentação.

Por conseguinte, no Gráfico 4, 34,94% das voluntárias não foram orientadas pela enfermagem sobre o tratamento do ingurgitamento mamário e 65,04% foram instruídas sobre algumas formas de tratamento para evitar esse problema de empedramento, conforme mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Porcentagem das orientações recebidas pela equipe de enfermagem no tratamento do ingurgitamento mamário.



Fonte: Autores (2022).

Cabe inferir que é preciso que essa abordagem do autocuidado e enfrentamento das complicações à gestante, seja precisa e intensa para que seu processo de aleitamento seja realizado com sucesso, promovendo e educando ativamente, levando em consideração as limitações situacionais das mães e a sua realidade (Zorzi & Bonilha 2006).

Consequentemente, observou-se através da tabela 2 a porcentagem de 100% das pesquisadas acharem válido o ensino do enfermeiro, demonstrando assim, que as mulheres reconhecem sua importância e que o auxílio do enfermeiro ajudaria no seu dia a dia, aprendendo os cuidados que devem ser realizados na prevenção e no tratamento de complicações que atrapalham o aleitamento materno.

Com isso, pode-se evidenciar através de relatos das voluntárias, a opinião delas quanto a essa importância da orientação pela equipe de enfermagem no autocuidado das mamas, como podemos ver no relato da voluntária:

M.E.C.M (41 anos): “Quando ganhei minha filha, a gente não tinha a assistência do profissional de enfermagem. Acho de extrema importância o ensino dos profissionais de enfermagem para auxiliar as pacientes, o modo correto e eficaz para lidar com essas complicações, tão comuns no aleitamento materno, e que uma simples ajuda, mudaria o rumo da amamentação das mães, como no meu caso. Fui mãe de primeira viagem, com muitas dúvidas e inseguranças e que também tive empedramento e fissura. Se eu tivesse recebido as orientações, o apoio do enfermeiro, teria conseguido amamentar minha filha pelo tempo que é necessário pelo bem da sua saúde. A amamentação é um momento muito importante para o bebê, e para o vínculo afetivo de mãe e filho. Portanto, acho importante que esse ensino das práticas de cuidado com as mamas nas complicações, seja feito pelos enfermeiros, o que ajudaria muito, pois sua própria profissão visa a prevenção e promoção da saúde.”

Além do relato, pode-se analisar que com a falta de orientações de autocuidado domiciliar nas ações preventivas, aumentam o índice de complicações no aleitamento, demonstrando a importância dessa abordagem pela enfermagem. Isso é reforçado com o gráfico a seguir, e por 3 relatos de voluntárias que estão no momento nesse processo de aleitamento com seus filhos:

F.C.L.O (33 anos): “No momento estou amamentando minha filha. No meu caso, o profissional de enfermagem me auxiliou muito com a experiência materna aliada ao profissionalismo. Com 5 dias do meu parto, meus seios empedraram, foi

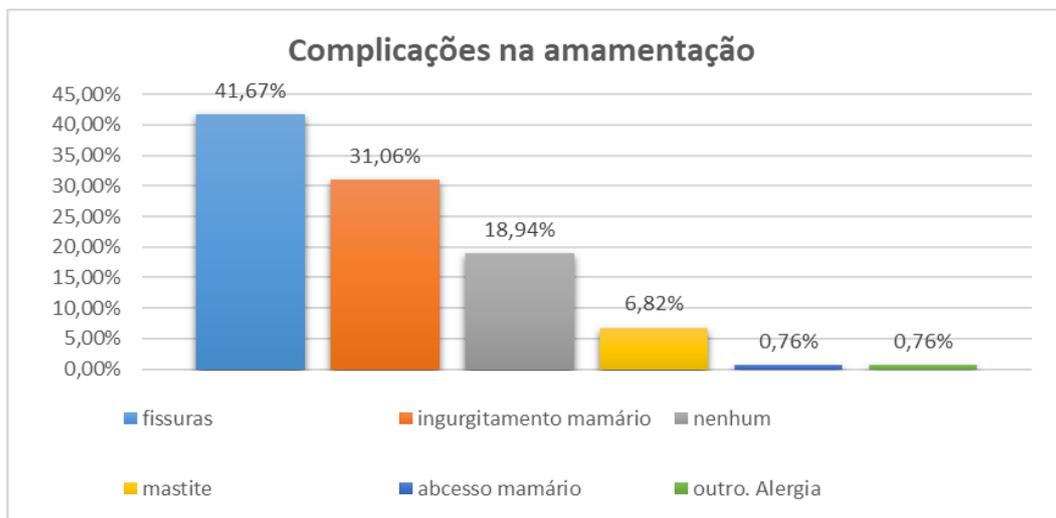
quando tive que usar a bombinha, e precisei da ajuda da enfermeira para me auxiliar na pega do bebê, e como era feita a ordenha manual e a elétrica, ou como fazer para despedrar. Só tenho a agradecer, ela me ajuda nas minhas dúvidas e me ensina como cuidar das minhas mamas corretamente.”

A.P (26 anos): “É muito importante sim, se todos os enfermeiros ajudassem as mães com uma orientação correta do autocuidado, de como amamentar, como prevenir, e tratar as mães não precisavam passar por tanto medo e sofrimento e os bebês não precisariam passar tanta dificuldade para mamar. Estou amamentando meu filho, e tive muitas orientações, o que me ajudou muito com os problemas e dúvidas. ”

D.A.C. (33 anos): “Estou amamentando meu filho, e a enfermeira me auxiliou e me ajuda muito bem sobre minhas dúvidas, me orientando. Não tenho nada a questionar, somente agradecer, pois com as orientações dela não tive problemas, e estou conseguindo amamentar meu filho de forma fácil, sem dor e com as técnicas corretas”.

Desse modo, é possível averiguar através da pesquisa que 41,67% tiveram fissura mamilar, 31,06% tiveram ingurgitamento mamário, 6,82% tiveram mastite, 0,76% tiveram abcesso mamário, 0,76% tiveram alergia e 18,94% não tiveram complicações no aleitamento, conforme o Gráfico 5 demonstra.

Gráfico 5 - Porcentagem das complicações presentes nas mulheres na amamentação.



Fonte: Autores (2022).

O posicionamento incorreto e pega inadequada propiciam a fissura mamilar que é extremamente dolorosa e desconfortável, podendo contribuir para a interrupção do processo de amamentação e a prevenção do mesmo evita essa situação desagradável.

A intervenção educativa no ato de ensinar, com o mais fidedigno da realidade, colabora com que a mulher entenda com maior facilidade, e replique satisfatoriamente a técnica evitando assim as complicações que tanto acometem e atrapalham o processo do aleitamento materno (Silva, et al., 2014).

Segundo Oliveira et al., (2020) as mulheres que recebem treinamento baseado em demonstração apresentaram no estudo, altos índices de escore favorável a técnica adequada comparadas as mulheres de outros grupos. Os autores ainda afirmam que esse treinamento é “baseado em explicação, demonstração e práticas”.

Sendo assim, entende-se que o índice de complicações e o auxílio da equipe de enfermagem no aleitamento materno, demonstra o quão importante é a aprendizagem das mulheres para o autocuidado das mamas na prevenção e no tratamento desses problemas.

4. Conclusão

Entende-se que as intervenções pela equipe de enfermagem têm o potencial de prestar benefícios para a mulher em obter práticas ideais de autocuidado preventivos e de tratamento de complicações na amamentação, e que contribuirão para a manutenção do aleitamento por mais tempo.

Tendo em vista a pesquisa realizada e os questionários respondidos, conclui-se que as mulheres mais jovens que tiveram uma orientação do enfermeiro (a) quanto a amamentação, tiveram menos complicações; ao contrário as mulheres mais experientes que não receberam orientação tiveram mais complicações e dificuldades para resolvê-las. Esses dados confirmam a hipótese inicial deste trabalho de que a equipe de enfermagem tem uma grande importância no auxílio das mulheres no processo de aleitamento materno e na prevenção das complicações decorrentes do mesmo.

Cabe inferir que as principais complicações apresentadas foram as fissuras mamilares (41,67%) e o ingurgitamento mamário (31,06%), complicações que poderiam ser facilmente evitadas se a mulher estivesse orientada quanto às causas e como evitar, entretanto 60% das mulheres entrevistadas não receberam orientação de como lidar com complicações do aleitamento em âmbito domiciliar, isso evidencia a real necessidade e a pertinência do presente trabalho como um motivador para o enfermeiro empoderar-se dessa ação.

Portanto, é importante que desde a graduação de enfermagem, os futuros profissionais sejam despertados para esta importante área de atuação do enfermeiro, o aleitamento materno, sendo trabalhado nos graduandos um olhar amplo da necessidade de serem consultores do aleitamento.

Como trabalho futuro, sugerem-se estudos que tenham por objetivo investigar as lacunas referentes ao processo de construção do conhecimento e nas teorias que embasam essa abordagem do autocuidado. Faz-se assim necessário também incentivar a formação e a capacitação continuada dos enfermeiros neste sentido, para que possam ajudar sempre mais as mulheres, para que estas vivam do melhor modo possível este processo tão rico e importante da amamentação.

Referências

- Almeida, R. P., et al (2017). Intercorrências mamárias: implicações para a manutenção do aleitamento materno. *CIE- Congresso Internacional de Enfermagem (ANAIS 2017)*, 1 (1).
- Barbieri, M. C.; et al (2015). Aleitamento materno: orientações recebidas no pré-natal, parto e puerpério. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina*, 36 (1), 17-24.
- Barbosa, A. C. O. (2014). *Condições de trabalho e saúde dos secretários de programas de pós-graduação de uma universidade federal* [Dissertação de Mestrado Universidade Federal da Bahia].
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31730/1/Ana%20Cibele%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20FINAL%2004.06.14.pdf>
- Brasil, Ministério da Saúde (2017). Apojadura: mães aprendem a lidar com a descida do leite. <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/promocao-da-saude/52815-apojadura-maes-aprendem-a-lidar-com-a-descida-do-leite>
- Brasil, Ministério da Saúde (2015). Caderno de Atenção Básica. Saúde da criança: Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf
- Coca, K. P., et al (2009). A posição de amamentar determina o aparecimento do trauma mamilar? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43 (2), 446-452.
- Costa, A. A., et al (2013). Evidências das intervenções na prevenção do trauma mamilar na amamentação: revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15 (3), 790-801.
- Da Silva, N. M., et al (2014). Conhecimento de puérperas sobre amamentação exclusiva. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 67(2), 290-295.
- De Souza, M. J. N., et al (2009). A importância da orientação à gestante sobre amamentação: fator para diminuição dos processos dolorosos mamários. *ConScientiae Saúde*, 8 (2), 245-249.
- Filho, M. D. S. & Neto, P. N. T. G. & Martins, M. C. C. (2011). Avaliação dos problemas relacionados ao aleitamento materno a partir do olhar da enfermagem. *Revista Cogitare Enfermagem*. 16 (1), 70-75.
- Fontelles, M. J. & Simões, M. G. & Fontelles, R. G. S (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um Protocolo de pesquisa. *Revista Paraense de Medicina*. 23 (3), 1-8.

- Garcia, T. R., et al (2009). Intercorrências mamárias relacionadas à lactação: estudo envolvendo puérperas de uma maternidade pública de João Pessoa, PB. *Revista O Mundo da Saúde (SP)*, 33 (4), 433-439.
- Giugliani, E. R. J (2004). Problemas comuns na lactação e seu manejo. *Jornal de Pediatria (RJ)*, 80 (5), 147-154.
- Haroon, S., et al (2013). Intervenções de promoção da amamentação e práticas de amamentação: uma revisão sistemática. *BMC Saúde Pública* v.13 (20). <https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-S3-S20>
- Hochman, Bernardo et al. (2005) Desenhos de pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira [online]*. 20 (2), 2-9. <<https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>>.
- Junges, C. F, et al (2010). Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. *Revista Gaúcha de Enfermagem (Online)*, 31 (2), 343-350.
- Lima, A. P. C. & Nascimento, D. S. & Martins, M. M. F. (2018). A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. *Journal of Health and Biological Sciences*, 6(2), 189-196.
- Montrone, A. V. G., et al (2006). Trauma mamilar e a prática de amamentar: estudo com mulheres no início da lactação. *Revista APS*, 9 (2), 168-174.
- Marconi, Marina de Andrade & Lakatos, Eva Maria (2005). *Fundamentos de metodologia científica*. (6a ed.), Atlas.
- Oliveira, C. S., et al (2015). Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 36(spe), 16-23.
- Oliveira, F. S., et al (2020). A efetividade da educação em saúde na prevenção do trauma mamilar pela amamentação: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20 (2), 333-345.
- Rocci, E. & Fernandes, R. A. Q. (2014). Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 67 (1), 22-27.
- Skupien, S. V. & Ravelli, A. P. X. & Acauan, L. V. (2016). Consulta puerperal de enfermagem: prevenção de complicações mamárias. *Revista Cogitare Enfermagem*. 21 (2), 01-06.
- Zorzi, I, N. T, & Bonilha, A. L. L. (2006). Práticas utilizadas pelas puérperas nos problemas mamários. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59 (4), 521-526.